

Vida urbana, fotografia e antropologia

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda*

Resumo

Neste pequeno artigo apresento um ensaio fotográfico que tematiza o ser humano em cenários arquitetônicos urbanos. Pretendo mostrar mais que imagens de pessoas neste cenário: pretendo evocar certas inflexões de suas vidas. Assim, o artigo se inicia com uma breve descrição, quase que apenas uma menção, dos cenários urbanos específicos do ensaio – o Elevado Costa e Silva na cidade de São Paulo e a cidade de Brasília. Em seguida apresento e discuto, de forma sintética, algumas questões recorrentes em relação ao uso da fotografia na antropologia, lembrando alguns dos autores que se dedicaram a experimentações nessa linguagem visual. Finalizo propondo uma leitura do ensaio na ótica de uma fotoetnografia.

Palavras-chave: fotografia e antropologia; fotoetnografia; imagens nas ciências sociais.

Abstract

In this short article I present a photographic essay that thematizes the human being in architectonic urban scenarios. I intend to show more than images of people in these scenarios: I intend to evoke certain inflections of their lives. Therefore, the article starts with a brief description, almost just a mention, of the specific urban scenarios of the essay – the Elevado Costa e Silva in Sao Paulo's city and Brasilia's city. Then, I present and discuss, in a summary form, some recurring issues related to the use of photography in anthropology, remembering some authors who dedicated themselves to visual language experimentations. I conclude by proposing a reading of the essay from the viewpoint of a photoethnography.

Keywords: photography and anthropology; photoethnography; images in social sciences.

* Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e do Departamento de Antropologia da PUC-SP. E-mail: rinaldo@pucsp.br

O Elevado Presidente Costa e Silva, mais conhecido simplesmente como Elevado ou Minhocão, é uma via expressa elevada, construída em 1969/1970 na cidade de São Paulo, Brasil, pelo então prefeito Paulo Maluf. O nome foi dado em homenagem ao então general-presidente-ditador do Brasil no período do regime militar e responsável pela indicação que nomeou Paulo Maluf como prefeito. Essa via elevada liga a região da Praça Roosevelt, no centro da cidade ao Largo Padre Péricles, no bairro de Perdizes, constituindo uma ligação expressa entre a zona oeste e a zona leste da cidade.

O “Minhocão” tem 3,4 quilômetros de extensão e passa a 5 metros das janelas dos prédios de apartamentos, sendo considerado por muitos como uma aberração arquitetônica e um “cenário de arquitetura cruel”, sendo muito mal visto pela população local pela desvalorização de seus imóveis e pela deterioração material e social do local. Como disse um morador: “só serve para os carros em cima e para os moradores de rua embaixo”.

Em 1989 a Prefeita Luiza Erundina determinou que o elevado fosse interditado das 21h30 às 6h30 e durante todo o dia nos domingos e feriados, atenuando para os moradores o impacto da tremenda poluição sonora, visual e atmosférica provocada pela passagem de cerca de 1.500 carros por hora ao longo de cada dia.

Nesse contexto urbano, os moradores dos edifícios que ladeiam o elevado fecham suas janelas o mais hermeticamente possível durante toda a semana, para proteger-se da proximidade invasiva do pesado trânsito que marca tanto o elevado quanto as vias abaixo dele, na altura do solo, também congestionadas durante todo o dia.

Urbanidade inóspita: as pichações marcam todas as fachadas, assim como a fuligem, o cinzento sujo se estende pelas janelas, cortinas, varandas, roupas e coisas penduradas. Durante os dias de semana é raríssimo ver alguém nas janelas.

Eis que, aos domingos e feriados, tudo se transforma: os automóveis desaparecem e a fita de asfalto elevada, com duas vias ao lado das janelas dos edifícios, se transforma num parque domingueiro inesperado e surpreendente. Muitos moradores destes mesmos edifícios e do entorno caminham no “minhocão”, levam os cães e crianças para passear e brincar, namoros acontecem e se desenvolvem, as bicicletas aparecem, juntamente com vendedores de água de côco, barraquinhas de refrigerante e petiscos,

e os domingos se estendem num tempo muito mais lento e aprazível do que o tempo dos dias febris de trabalho/trânsito/tensão. E as janelas começam a abrir-se e os moradores se mostram, timidamente ainda, a tensão da semana e a posição defensiva como que ainda subjacente a esse olhar para fora, nessa trégua que sabem ser momentânea. Ainda assim, há janelas que nunca se abrem, cortinas que se petrificam, congeladas na posição de frágeis muralhas que são forçadas a assumir.

Esse ensaio fotográfico foca justamente as janelas e seus moradores aos domingos, buscando destacar as marcas desse contexto sócio, político e arquitetônico na individualidade e subjetividade de seus moradores. Marcas essas atenuadas ao nível do solo, mas que persistem mais claramente nas imagens ao nível das janelas.

O outro conjunto de fotos, de Brasília, difere na forma e no contexto socioespacial, mas converge na tematização das relações sociais expressas na intersecção da arquitetura com o indivíduo. Nesse caso, a imponência arquitetônica se associa ao poder do Estado e contrasta com a pequenez dos indivíduos: seja os que assumem o papel de guardiães do poder, seja os que se situam fora dele, em posição mais marginal.

Fotografia como linguagem

Num mundo onde a apreensão visual é cada vez mais central, a fotografia é capaz de não apenas registrar informações de cunho sociológico e antropológico, mas de dialogar com outras fontes de documentação e de interpretação da realidade, trazendo ao olhar dimensões mais sutis e inesperadas de percepção e compreensão. Como afirmou Martins (2008, p. 26) :

A imagem fotográfica foi incorporada por sociólogos e antropólogos como metodologia adicional nesse elenco de técnicas de investigação. E os próprios historiadores a agregaram à lista da documentação a que recorrem para ampliar as evidências documentais da realidade social do passado que constituem a matéria prima de suas análises. Um recurso que, em diferentes campos, amplia e enriquece a variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstituir e interpretar determinada realidade social.

O uso, a importância e a qualidade da fotografia nas ciências sociais, em especial na antropologia, está longe de produzir um consenso. De um

lado, a fotografia e a antropologia nasceram no mesmo momento histórico ao longo dos séculos XVIII e XIX, sendo usada pelos antropólogos desde a formalização do trabalho de campo etnográfico como marca da disciplina, como podemos ver nos trabalhos de Malinowski nos *Trobriandeses*, de Gregory Bateson e Margareth Mead em *Bali* (Samain, 2005), para citar alguns entre muitos. Por outro lado, o entendimento de seu alcance como forma de conhecimento tem abrigado concepções pendulares entre a perspectiva que assume a premissa da verossimilhança da imagem fotográfica como evidência da sua validade documental, aos que aceitam a fotografia como um registro menor, de ilustração de uma realidade tornada conhecida fundamentalmente pelo texto, como o faz Lèvi-Strauss. Em relação à antropologia, Margareth Mead (1975) já denunciava esse favoritismo do texto, esse “esmagador *parti pris* verbal da antropologia” e a fixação devota em favor da escrita. A meio caminho, coloca-se a corrente de estudo sociológico do visual proposta por Pierre Bourdieu (1965), limitada a tomar apenas a fotografia já existente, como registro de distintas concepções de imagem que diferenciam as classes ou categorias sociais, como objeto da pesquisa visual.

O tema é vasto e inconcluso mas, acredito, como afirma Martins (ibid., p. 28) que:

[...] a fotografia é muito mais indício do irreal do que do real, muito mais o supostamente real recoberto e decodificado pelo fantasioso, pelos produtos do auto-engano necessário e próprio da reprodução das relações sociais e do seu respectivo imaginário. A fotografia, no que supostamente revela e no seu caráter indicial, revela também o ausente, dá-lhe visibilidade, propõe-se antes de tudo como realismo da incerteza.

E, finalmente, nesse apanhado muito sumário e apenas ilustrativo da variedade de perspectivas a propósito da fotografia no campo das ciências sociais, em especial na antropologia, é preciso apontar o fato de que atualmente também “os fotógrafos optam cada vez mais por uma formação antropológica e que suas fotografias são o resultado de suas intenções de interpretações etnográficas” (Achutti, 2004, p. 80). Nesse sentido, a fotografia tornou-se uma linguagem, procurando resultados intencionais e carregando a marca de seu autor. Por outro lado, cada vez mais antropólogos desenvolvem uma expertise na linguagem fotográfica, desenvolvendo trabalhos na linha de uma “fotoetnografia”, considerando a fotografia como uma linguagem, com suas próprias características, como

uma outra forma, específica, de escritura, onde se aliam sedutoramente o campo do inteligível e do sensível, como nos diz Cayubi Novaes, em *Escrituras da Imagem* (2004) .

Assim, com essa introdução, apresento a vocês o trabalho fotográfico *Vida Urbana*, realizado em 2009 em São Paulo e Brasília.

As fotos não são legendadas e o propósito é que sejam vistas em conjunto, dialogando entre si e com o público.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, L. E. R. (2004). *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre, Tomo editorial/UFRGS.

BOURDIEU, P. et al. (1965). *Un Art Moyen. Essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris, Les Éditions Minuit.

CAYUBI NOVAES, S. et al. (orgs.) (2004). *Escrituras da Imagem*. São Paulo, Edusp.

MARTINS, J. de S. (2008). *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo, Contexto.

MEAD, M. (1975). “Visual anthropology in a discipline of words”. In: HOCKINGS, P. (ed.). *Principles of visual anthropology*. Paris, Mouton.

SAMAIN, E. (1995). *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, Samain.